**A ESCRAVIDÃO NEGRA: AS MÚLTIPLAS FORMAS DO TRABALHO ESCRAVO**

Não resta dúvida que o escravismo no Brasil está intimamente ligado a implantação da atividade canavieira. Este axioma nos levou a buscar entender a dinâmica do trabalho escravocrata no seio da casa-grande e senzala, dispensando cuidados a outras formas de relações igualmente importantes no interior da colônia escrava, tanto no campo quanto na cidade. Não devemos esquecer que ao longo de toda a colonização coexistiu no Brasil o trabalho livre e assalariado.

Entre as diferentes formas de relações escrava podemos destacar:

ESCRAVOS DO CAMPO: O campo é onde se encontravam as maiorias dos escravos, trabalhavam principalmente nas atividades ligadas ao meio rural: lavoura canavieira, algodão, arroz, café, tabaco, etc. Também podiam cultivar alimentos para seu complemento alimentar, ou mesmo, eventualmente, poderiam comercializar o excedente de sua produção. Geralmente ocupavam o espaço da senzala, mas não raro, moravam em moradias particulares, que ele adquiram quando se casavam.

ESCRAVOS DE OFICIO: Os escravos de ofícios desmentem a pseudo-idéia de que os escravos eram desprovidos de qualquer conhecimento tecnológico. Alguns chegavam a ocupar posições importantíssimas na produção do açúcar. Atuavam também em outras atividades como: carpintaria, industria naval (produção dos navios negreiros), sapataria, construção, em alguns artesãos , pequenos roceiros, etc. Alguns desses escravos eram cirurgiões barbeiros, uma “profissão” muito solicitada, no interior da colônia. Observe a iconografia abaixo.

ESCRAVOS DOMÉSTICOS: Estes eram escolhidos sobre critérios de docilidade, sociabilidade. Eram os responsáveis por todo o funcionamento da senzala, exercendo variadas funções, eram amas, mucamas, transportavam de tudo, inclusive as fezes dos seus senhores, cozinhavam, lavavam, carregavam seus senhores em cadeiras, etc.

ESCRAVOS DE ALUGUEL: Eram escravos que poderiam ser alugados por seus senhores para outros senhores por um tempo estabelecido previamente, o lucro da transação cabia apenas ao senhor do escravo.

ESCRAVOS DE GANHO: Eram escravos que desempenhavam tarefas onde obtinham uma certa margem de ganho. Estes escravos dividiam com seus senhores o jornal (parte de sua renda) adquirido principalmente através de vendas (secos e molhados), tabuleiros e outras atividades, principalmente nos meios urbanos. Os escravos de ganho por terem renda, estavam bem mais próximos de adquirirem sua alforria através da compra.

ESCRAVOS URBANOS: Espaço onde os escravos desempenhavam os mais variados ofícios, podendo ser encontrado como: cabeleireiros, vendedores, sapateiros, transportadores, marceneiros, etc.

Depois dessa breve caracterização das diferentes formas do trabalho escravo, voltemos agora a discussão do trabalho na lavoura canavieira. A vida no engenho era marcada por um duro ritmo de trabalho. Quando o período não era o da safra, que equivalia uns seis meses, os escravos atuavam em outras atividades, retiravam a cobertura vegetal para o plantio de novos canaviais, cuidava-se dos antigos, cortavam-se lenhas para as cadeiras, entre outras atividades. Nos outros seis meses, o período dedicado à safra, o trabalho durava 24 horas por dia, dividido em dois grupos. Após cortada a cana, era levada a casa de moenda, depois da cana moída, seus caldo era levado para as caldeiras até pegar o ponto ideal. Para finalizar esse caldo era transformado em açúcar mascavo, que era empacotado e enviado para a Holanda onde seria refinado.

 Vale ressaltar, que mesmo o recôncavo baiano, que era por excelência uma região açucareira, também desenvolvia outro tipo de agricultura, inclusive fora da lógica do plantation. No campo por exemplo potencializou-se o cultivo de outras culturas imprescindíveis para a vida dos colonos, como é o caso da mandioca, arroz, milho, etc. Já na cidade, como falamos anteriormente, os escravos se dedicavam a atividades de todas as estirpes, eram carregadores (como já vimos na iconografia), cabeleireiros, sapateiros, vendedores, etc.1. Os escravos são como mãos e os pés do senhor do engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar uma fazenda, nem o engenho de corrente. E do modo como há com eles, depende dos bons ou maus para o serviço. Por isso, é necessário comprar cada ano algumas peças e peças por peças, roças, serrarias e barcas. E porque são comuns os países diversos, e mais alguns itens, e as forças muito diferentes, se houver uma repartição com reparo e escolha, e não nas cegas.

     No Brasil, costuma dizer, para escravo, são necessários PPP, sabre, pau, pão e pano de fundo. E, posto que comecem mal, principiando pelo castigo que é pau, apesar disso, prouvera a Deus que tão abundante seja o comer e vestir como muitas vezes é castigo, dado por qualquer causa pouco provada, ou levantada; e com instrumentos de muito rigor, ainda quando os crimes são certos, que não usam nem com os animais brutos. [...]

ANTONIL, AJ *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas* . 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia / Edusp, 1982. p. 89. (Coleção Reconquista do Brasil).

**1.** Nenhum fragmento sobre escravidão no Brasil, autor

a) minimizar a importância do trabalho escravo na economia.

b) ressalta a inferioridade religiosa dos negros.

c) sugere que os senhores, às vezes, são exagerados nos castigos físicos.

d) enfatiza como boas condições de alimentação dos cativos.

e) assegura que as punições evitavam uma desobediência dos escravos.

**2.**

**Trecho de teste da paulista
Maria do Prado (1663)**

     Declaro que não é possível escravo algum cativo, mas somente como você pode usar como novo nome do terreno, como quais são os tratos sempre como filhos e a mesma formalidade, exceto os meus herdeiros.

FIGUEIREDO, Luciano. *História do Brasil para os ocupados* . 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. (fragmento)

Interpretando o excerto anterior, pode-se inferir que

a) o documento documental revela que a matriarca desconsidera como relações de propriedade não relacionadas à exploração do trabalho africano.

b) uma composição faz admitir que, no Brasil Colônia, existe, de forma geral, maior tolerância com os nativos, poluição ambiental da terra.

c) o fragmento leva ao entendimento de que, sem processo de formação do povo brasileiro, existe maior empatia com os tupis, ou que minimiza a exploração desses.

d) uma peça documental transportada para a realidade de muitas famílias no Brasil colonial, quando as relações emocionais se sobrepunham para a empresa mercantil.

e) ou relato testado conduzido à compreensão de que indicadores foram explorados no sistema produtivo, chegando a ser transmitido como herança familiar.

**3.** No Brasil, costuma dizer que para escravo são necessários três PPP, sabre, pau, pão e pano de fundo. [...] O certo é que, se o senhor houver alguns escravos como pai, dando-lhes o necessário para o sustento e o vestido, e algum descanso no trabalho, ele também poderá ter o senhor e não estranhar, sendo convencido das culpas que cometer, receber com misericórdia ou justo e merecido castigo [...]. Veja quem senhores têm o cuidado de alguma coisa de sobra da mesa para os seus pequenos filhos é causa de que escravos são sirenes de boa vontade e se gostam de multiplicar servos e servos.

ANDREONI, JA Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas. In: RIBEIRO, D .;NETO, C. de AM *Fundação do Brasil* . 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 348-349.

A partir da leitura do fragmento e dos conhecimentos históricos, pode-se inferir que, no Brasil, uma escravidão colonial

a) era marcada pela harmonia social entre escravos e escravos.

b) sofria a interferência reguladora da Igreja Católica.

c) manter-se através da repressão e concessões aos escravos.

d) anulava totalmente uma iniciativa individual dos cativos.

e) restringir-se aos meios sociais mais ricos no meio urbano e rural.

**4.** As condições da população escrava, aqui, são muito menos inflamadas e infelizes do que encontrar. Os escravos são, em geral, identificados com escravidão e seres humanos pelos seus donos. (Walter Colton, 1850) Eu preferia ser um carneiro, um porco ou um boi; ter liberdade, alimento e descanso durante certo tempo e depois de ser abatido, fazer um escravo em certas plantações. (Thomas Ewbank, 1856).

Sobre essas duas declarações de viajantes norte-americanos para o Brasil no meio do século XIX, é possível que

a) a primeira é correta, pois, como demonstrado muitos historiadores, os escravos eram bem-vindos.

b) somente na segunda é correta, pois, como demonstrado muitos historiadores, os escravos eram maltratados.

c) como duas estão erradas, pois os viajantes confundiram a escravidão daqui com a escravidão no Estados Unidos.

d) como duas estão corretas, o tratamento dado aos escravos varia conforme os senhores e as atividades econômicas.

e) Ambas se equivocam, pois a escravidão nesse momento vivia a crise decorrente da extinção do tráfico.

**5.** Em um engenheiro, os imitadores de Cristo crucificado, porque padece em um modo muito semelhante ao que Salvador salvou na sua cruz, e em toda a sua paixão. [...] Os ferros, como prisões, os açoites, como chagas, os nomes afrontosos, tudo isso se compõe à sua imitação, que se acompanha pela paciência, também com merecimento de martírio.

Padre Antônio Vieira. Sermão pregado na Baía de Irmandade dos Pretos de um Engenho, no ano de 1633.

Pode-se concluir os argumentos do padre Vieira que os jesuítas, no Brasil,

a) eram favoráveis ​​à abolição da escravidão dos negros.

b) viviam em conflito aberto com os engenheiros do engenho.

c) consideravam necessário castigarem-se os escravos.

d) estimular a escravidão de povos não europeus.

e) reconhecidos os sofridos utilizados pela escravidão.

**GABARITO**

1. C
2. E
3. C
4. D
5. E